

A Sagacidade do Tamuatá

AGNELLO BITTENCOURT
(Da Academia Amazonense de Letras)

Não há dúvida sobre ser o Rio Amazonas um dos maiores viveiros da ictiofauna do Planeta. Luiz Agassiz ficou admirado das variedades que ali encontrou. Reuniu e estudou 80.000 exemplares, acreditando na existência de 1.800 espécies diferentes, número que o naturalista Charles Eigmann (1891) reduziu, após investigações mais metódicas, para 498. Emílio Goeldi, do Museu Paranaense, elevou para 513 essas espécies do Rio Mar.

No meio dessa quantidade, nota-se o interessante tamuatá (*callichthys longifilis*), roliço, medindo os maiores 20 centímetros de comprimento por 4 de diâmetro. De cor escura, lisos, os tamuatás têm, lateralmente, em perfeita simetria, uma orla de escamas espinhosas, grossas e salientes, que vão da cabeça à cauda.

Vivem em multidão nas águas mansas dos lagos e dos igarapés, onde haja pântanos pouco acessíveis aos outros seres aquáticos e aos homens. Não se associam aos demais peixes, nem formam cardumes para subir o rio, na época da desova. Proliferam espantosamente. Dizem os caboclos da região que os tamuatás, quando se espantam em consequência do esturro das onças ou dos jacarés, fazem estremecer o lodaçal, como protesto à perturbação do silêncio em que se habituaram.

É admirável a sagacidade desse *argiidae*, patenteando um sentido de previsão inexistente em outros peixes. Prova-se isto sobretudo no seguinte fato: nos verões muito prolongados — o que nem sempre ocorre na Amazônia — quando a embocadura dos lagos e igarapés não mais permite a evasão, os tamuatás, na certeza de ficarem sem água, abandonam o viveiro, o que fazem em um só instante, ganhando a floresta, no rumo do elemento hidrográfico mais próximo. Pelo meio da fo-

lhagem ressequida e acumulada no solo, depois de subirem os pequenos barrancos marginais, emigram meneando, encostados uns aos outros, podendo-se contá-los às centenas de milhares. Não erram a direção que o instinto lhes indicou, percorrendo alguns quilômetros por terra, até encontrar o novo abrigo, um pantanal que nunca se esgota.

Quando, por acaso, os habitantes da zona os surpreendem, nessa retirada estratégica, aproveitam o ensejo para uma grande provisão, pois, moqueados e cosidos no "tucupi" (mólho regional), os tamuatás constituem um manjar delicioso.

A fuga oportuna não deixa dúvida sobre a alta capacidade de previsão da espécie. Além disso, é positiva a sabedoria do seu instinto na escolha dos lugares recônditos em que vivem. Considere-se, ainda, a solidariedade dos tamuatás na retirada em massa, não fican-

do um só retardatário no extenso abrigo ameaçado pela intempérie. Na execução da conduta coletiva, há como que um "entendimento", inspirado por um chefe e aceito, sem discrepância, por todos os membros da comunidade...

Leve-se em conta que os tamuatás não são anfíbios, mas exclusivamente aquáticos, portanto, de respiração bronquial. Como podem eles suportar, fora d'água, em marcha forçada, coleante, algumas horas de avanço por terra?

Em rios da Índia e do Ceilão existem, também, em esconderijos pantanosos, os tamuatás, ali chamados *percas trepadoras*, visto subirem os barrancos na sua emigração em procura de outro tremedal. Na Amazônia, como naquelas regiões asiáticas, os tamuatás fazem-se réptis, quando é preciso...

Rio, Setembro de 1952.